

SEXUALIDADE CRISTÃ PRIMITIVA NOS CATÁLOGOS DE VÍCIOS HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA DE UMA INTERDIÇÃO

Luiz Felipe C. Ribeiro*

Resumo

A influência da tradição judaico-cristã sobre a sexualidade ocidental é bem conhecida. Interdição, repressão e negação são a herança de dois milênios de presença cristã. Michel Foucault argumentou no seu *Histoire de la sexualité: la volonté de savoir* que a cristandade fora ainda responsável pela explosão do discurso sobre o sexo no Ocidente. O escrutínio do *habitus* sexual do cristão na penitência e nos manuais de confissão teria engendrado a inserção da “palavra-sexo” nos consultórios médicos, nos divãs dos consultórios de psicanálise, nos manuais científicos, etc.

Onde, porém, inicia-se a história de interdição? Em que momento começa o escrutínio dos usos dos corpos, dos prazeres, a repressão de “sexualidades periféricas” (Michel Foucault) e a condenação daquela ética sexual que a Bíblia Cristã também denomina *pornéia*? A hipótese deste ensaio é a de que já nas origens do cristianismo, no apocalipsismo cristão do I século, inicia-se a moral de proibição e condenação que levará a Igreja, alguns séculos mais tarde, a desenvolver uma pastoral da “suspeita de si mesmo” em relação aos corpos. É principalmente nos chamados “catálogos de vícios” cristãos primitivos, forma literária que lista vícios que devem ser afastados do fiel, que se iniciará tanto a repressão da sexualidade, quanto a vinculação de certa práxis sexual à punição de Yahweh e Cristo nos últimos dias.

Palavras-chave: Sexualidade cristã primitiva; interdição; catálogos de vícios; porneia; ascetismo.

* Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Endereço eletrônico: felipe.camus@uol.com.br.

Abstract

The influence of the Jewish-Christian tradition on the western sexuality is much known. Interdiction, repression and denial are the inheritance of two millennia of Christian presence. Michel Foucault argued in his *Histoire de la sexualité: la volonté de savoir* that the Christianity was still responsible for the explosion of the discourse on the sex in the West. The scrutiny of the sexual *habitus* of the Christian in the penitence and confession manuals would have engendered the insertion of the "word-sex" in the medical clinics, psychoanalysis clinics divans, scientific manuals, etc.

Where, however, does the history of the interdiction begin? In what moment does the scrutiny of the uses of the bodies, pleasures, the repression of the “peripheral sexualities” (Michel Foucault), and the condemnation of that sexual ethics which the Christian Bible also denominate *porneia* start? The hypothesis of this essay is that in the origins of the Christianity yet, in the I century Christian apocalypticism, begins the morals of prohibition and condemnation that will take the Church, later some centuries, to develop a pastoral of the “suspicion of self” concerning to the bodies. It is mainly in the so-called primitive Christian “catalogs of vices”, a literary form that lists vices which should be moved away from the faithful, that will begin both the repression of the sexuality and the connection of certain sexual praxis to the punishment of Yahweh and Christ in the last days.

Keywords: Early Christian sexuality; interdiction; catalogs of vices; *porneia*; asceticism.

“Aquele que faz uso da mulher com intemperança e sem desejar filhos, se quisesse semear o seu campo no mesmo ano tantas vezes quantas as que possui a mulher, que tipo de colheita poderia fazer?” (Cesário de Arles, século VI d.C. — *Sermões* 44,3).

“Um dos anjos agarrou-lhe as mãos, outro os pés e um terceiro com uma lâmina cortou-lhe os testículos, não na realidade, mas no imaginário. E ele

parece ter sido curado em êxtase, digamos assim” (Palladius, 420 d.C. — *História Lausiaca* ¹29,4).

“O primeiro é que o monge não sucumba aos assaltos da carne enquanto faz vigília; o segundo, que o seu espírito não se fixe em pensamentos voluptuosos; o terceiro, que a presença de uma mulher não perturbe, mesmo ligeiramente; o quarto, que no estado de vigília não sinta na carne o movimento mais inocente; o quinto, que o espírito, no decurso de uma conferência ou leitura que mencione a procriação, não se deixe aflorar pelo mais subtil consentimento do acto voluptuoso...; o sexto, que a sedução dos fantasmas femininos não provoque quaisquer ilusões durante o sono” (João Cassiano, sobre os seis graus da castidade, século V d.C. — *Conferências* 12)².

A Antigüidade Tardia ocidental experimentara uma revolução dos costumes que marcaria toda a moral sexual da Idade Média. Da ascese rigorosíssima do monaquismo e dos anacoretas egípcios ganha força uma pastoral da continência e da abstinência. De literatura inspiracional, as narrativas dos pais do deserto se tornam aos poucos em cartilha da sexualidade cotidiana.

Os séculos VI e VII testemunham o desenvolvimento da pastoral da *suspeita de si mesmo* nos *livros penitenciais*, que instauram entre cristão e confessor uma dinâmica de atribuição de culpa e de varredura das consciências que resultara numa ética sexual cotidiana de interdição e negação. Os livros penitenciais, verdadeiros catálogos minuciosos de toda sorte de vícios, principalmente os sexuais, caracterizam-se no epítome da história de repressão sexual consolidada como feia cicatriz na cultura ocidental a partir da tradição judaico-cristã.

Com respeito aos livros penitenciais, mais tarde transmudados nos manuais dos confessores, Michel Foucault vê não apenas a matriz de uma moral repressora do corpo, mas também o seu movimento inverso. Em *Histoire de la sexualité*, a relação pura de “interdição, censura e negação” da cultura judaico-cristã sobre a moral do sexo abre espaço para a compreensão da explosão do discurso sobre o sexo a partir da prática da confissão e da penitência:

¹ Crônica sobre os anacoretas do deserto composto em inícios do século V d.C.

A confissão foi, e permanece ainda hoje, a matriz geral que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo. Entretanto ela se transformou consideravelmente. Durante muito tempo permaneceu solidamente engastada na prática da penitência. Mas, pouco a pouco, a partir do protestantismo, da Contra-Reforma, da pedagogia do século XVIII e da medicina do século XIX, perdeu sua situação ritual e exclusiva: difundiu-se; foi utilizada em toda uma série de relações: crianças e pais, alunos e pedagogos, doentes e psiquiatras, delinquentes e peritos. As motivações e os efeitos dela esperados se diversificaram, assim como as formas que toma: interrogatórios, consultas, narrativas autobiográficas ou cartas, que são consignados, transcritos, reunidos em fichários, publicados e comentados.³

A história do impacto da moral sexual cristã ascética sobre o Ocidente levanta a pergunta sobre as origens da sexualidade de interdição e requer um exercício de arqueologia. É hipótese deste paper que a matriz da moral de repressão, tão evidente na Baixa e Alta Idade Média, são as listas chamadas por Charles Baudelaire de “o espetáculo monótono do pecado imortal”⁴, os catálogos de vícios do apocalipsismo cristão do século I d.C.

As listas ou catálogos de vícios da literatura cristã mais primitiva são fontes inescusáveis para a recensão de uma *história da sexualidade do cristianismo primitivo* e servem de matriz para a moral de interdição dos séculos que a seguem.

Usar-se-á aqui a designação *sexualidade* com referência aos movimentos nascentes do cristianismo, ainda que esteja bem claro que o conceito mesmo de sexualidade é anacrônico às civilizações do mediterrâneo antigo. Onde se lê *sexualidade*, entenda-se daqui em diante o conjunto de práticas sexuais e as formulações morais e éticas que se originam destas práticas.

² Citados a partir de BERNOS, Marcel; LÉCRIVAIN, Philippe; RONCIÉRE, Charles de la; GUYNON, Jean. *O fruto proibido*. Lisboa: Edições 70, 1991, pp. 76, 77, 84.

³ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Vol 1. 14 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001, p. 62.

⁴ BAUDELAIRE, Charles. Apud. BERNOS, LÉCRIVAIN, RONCIÉRE & GUYNON, p. 87.

Não se usará sexualidade no seu sentido abstrato, conceptual, que incorre em aplicar categorias contemporâneas a cosmovisões antigas.⁵

A presença da temática da *sexualidade* no cristianismo originário apocalipsista é escassa nos documentos mais antigos, principalmente quando se trata do século I d.C. A essência do mito cristão no querigma da Igreja primitiva obliterou e censurou qualquer traço de sexualidade do seu Messias. Diferente das divindades greco-romanas, e mesmo dos deuses sumérios e cananeus, o Cristo dos *christianoï* não tomara para si esposas entre os mortais, nem possuía uma consorte na corte divina. A presença de traços de sexualidade no Cristo se anuncia apenas em uns poucos documentos marginais do cristianismo primitivo, sendo os mesmos alvos de duras críticas pelos padres apologetas dos séculos II-IV d.C. Cita-se, de passagem, o assim denominado *Evangelho Secreto de Marcos*, descoberto pelo orientalista Morton Smith no monastério grego ortodoxo de Mar Saba (1958).⁶ O fragmento de evangelho encontrado numa suposta carta de Clemente de Alexandria a um Theodoro é censurado pelo bispo como uma falsificação do evangelho de Marcos por uma seita gnóstica. O fragmento narraria um suposto ritual iniciático-mágico de Jesus com um jovem a quem ele ressuscitara dos mortos, envolvendo homoerotismo. Trata-se, no entanto, de uma referência marginal. A sexualidade, quando surge nos documentos cristãos primitivos, *prima facie* é apresentada sob o viés da censura, da interdição e da proibição.

A interdição dos prazeres carnis, por outro lado exaltados nos poetas gregos e latinos do mundo antigo, aparece na literatura cristã antiga nas denominadas *listas de vícios e virtudes*. As listas de vícios não são em si um gênero nascido no apocalipsismo judaico ou cristão. Sua recorrência na literatura greco-romana é notória. Contudo, esse gênero apresenta grande importância na literatura apocalíptica e nos apocalipses. Fora, além de um eficiente veículo da baixa literatura cristã na elaboração de códigos de conduta morais, um instrumento de delimitação no dualismo ético na cosmovisão apocalíptica. Nele exprime-se a quem é permitida a acolhida na era escatológica inaugurada por Deus, bem como a quem estão

⁵ O projeto segue de perto as advertências metodológicas em BERNOS, LÉCRIVAIN, RONCIÈRE & GUYNON, pp. 11-12.

⁶ SCHNEEMELCHER, Wilhelm (ed.). *New Testament Apocrypha: gospel and related writings*. Vol 1. Revised Edition. Louisville: Westminster/John Knox Press, 1990, p. 106.

reservados o juízo e o castigo divinos. A função demarcadora de limites⁷ dos catálogos também riscou proibições à sexualidade dos primeiros cristãos. Ao que tudo indica, as proibições às práticas sexuais dos cidadãos do Reino de Deus servira para demarcar a fronteira entre paganismo e cristianismo⁸ e, no apocalipsismo, entre os que pertencem ao lote de Yahweh e de Cristo e os que merecem a punição divina no fim dos tempos.

Na mais antiga de suas correspondências a uma comunidade cristã do primeiro século, numa curta lista de vícios o judeu da diáspora Paulo adverte os cristãos a fugirem das experiências de forte desejo (*páthei hepthymías*) e a tratem os corpos⁹ de suas mulheres com honra e santidade (1Ts 4:3-5). Adverte os cristãos também contra a *porneías*, que em Paulo leva o sentido geral de “prática sexual interdita” (1Ts 4:3b), de difícil precisão em muitas passagens da literatura paulina. A *porneías* é listada pelo apóstolo ainda noutra catálogo mais extenso, em carta escrita aos cristãos da Anatólia (Epístola aos Gálatas): “Visíveis, pois, são as obras da carne; são elas pornéia, impureza sexual, desregramento sexual, idolatria, magia, ódios, rixa, ciúme, raivas, egoísmos, divisões, *airésis*, invejas, bebedices, orgias e coisas semelhantes, sobre as quais estou advertindo-vos, assim como vos adverti no passado, os que tais coisas praticam o Reino de Deus não possuirão como herança.” (Gl 5:19-21)¹⁰

A lista de vícios na missiva aos cristãos da Anatólia tem um forte caráter apocalipsista. Todos os que cometerem os atos desviantes descritos no catálogo, entre eles os vícios de natureza sexual (os quais constam do adultério¹¹, da *pornéia*, da impureza sexual, do desregramento ou excesso sexual e da participação em Dionisíacas), não entram no Reino de Deus a se revelar no *eschaton* iminente. Separar a humanidade em dois grupos, *justos* e *ímpios*, é uma marcante característica do pensamento apocalíptico¹², tantas vezes denominado de *dualismo ético*. O dualismo ético da lista de vícios em Gl 5:19-21 separa a humanidade entre os que entram no

⁷ BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 139; §47 Catálogos de Virtudes e Vícios.

⁸ Essa função antropológica dos catálogos de vícios é apontada por Klaus Berger. Ibid, pp. 138-141.

⁹ A palavra usada por Paulo ali é *skeuos*, do grego vaso, objeto, utensílio. Tal uso metafórico do corpo da esposa como um utensílio está bem adequado ao pensamento androcêntrico do mediterrâneo antigo e do judaísmo do Segundo Templo.

¹⁰ Tradução própria e grifo meu. Salvo quando identificado, todos os textos dos documentos cristãos primitivos gregos serão de tradução própria.

¹¹ Vício sexual este que aparece adicionado aos demais “pecados da carne” em algumas testemunhas documentais do Novo Testamento.

Reino de Deus e os que são rejeitados. Dentre “os que não herdarão o Reino” estão os praticantes da *porneia*, da *aselgeia* (excessos sexuais), e os participantes das *keōmoi* (festividades pagãs, originalmente, as *keōmoi tōi Dionýsōi*, festas a Dionísio, as quais parecem ter envolvido rituais religiosos de liberdade sexual).

Noutra lista de vícios em correspondência de Paulo aos cristãos da Corinto do séc. I d.C., outras “sexualidades periféricas” (Michel Foucault) são excluídas do Reino de Deus: os *pórnoi* (praticantes de sexualidades interditas), os *moichoì* (adúlteros), os *malakoì* (homens e garotos sodomizados em relações do mesmo sexo) e os *arsenokōitai* (*ársēn* “macho” + *koitē* “cama”, provavelmente em referência ao que possui o papel ativo, dominante, numa relação de pederastia). Na Roma antiga era sabido que o elemento ativo numa relação sexual era quem fazia um benefício ao passivo — seja a esposa, outra mulher ou o escravo. Não é, portanto, estranho que os *malakoì* (“sodomizados”) estejam listados entre os excluídos do lote separado de Deus. O elemento passivo podia ter o seu sangue “contaminado” numa relação de sodomia, enquanto o dominante não corria risco algum de impureza.

O homem, ao contrário, podia se entregar sem problemas a suas fantasias eróticas, quaisquer que fossem, sempre que assumisse a parte ativa, já que, na condição de propiciador do benefício, seu sangue jamais poderia ser maculado. Por isso, sempre gozou de uma liberdade quase ilimitada em sua satisfação sexual, fosse uma mulher ou um jovem mancebo o objeto de sua luxúria.¹³

Curioso, portanto, que a parte ativa da pederastia seja rejeitada pelo apocalipsismo cristão. Seria essa rejeição uma novidade cristã ou o próprio mundo greco-romano já interditara tal sexualidade periférica? A impudicícia, submissão ao prazer de outrem na pederastia passiva, era um “vício sem remissão”¹⁴ nas práticas dos homens livres e de maioridade, mesmo na moral menos restritiva dos anos anteriores ao Imperador Augusto. A prática era menos

¹² GAMMIE, John G. Spatial and ethical dualism in Jewish wisdom and apocalyptic literature. In: *Journal of Biblical Literature* 93.3, 1974, pp. 357.

¹³ CUATRECASAS, Alfonso. *Erotismo no império romano*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p. 14.

¹⁴ BERNOS, LÉCRIVAIN, RONCIÈRE & GUYNON, pp. 31.

condenável apenas nos escravos e nos mancebos, indicativo menos de um relaxamento nas normas do que do estado permanente de baixaza dos domésticos.

Curioso também o uso intencional de *pornoî* por Paulo como sexualidade interdita diferente da pederastia ativa, da pederastia passiva e do adultério. Que ofensa da carne estaria por detrás da rejeição dos *pornoî* do Reino de Deus no *eschaton* em 1Co 6:9?

No cristianismo pós-paulino da Ásia Menor os catálogos de vícios continuaram a ser empregados numa catequese da sexualidade permitida, cada vez mais imbuída de linguagem e imagens pessimistas em relação ao corpo e aos prazeres. Na carta hoje atribuída à comunidade em Éfeso encontra-se uma longa lista de vícios, dos quais os sexuais se sobressaem:

πορνεία δὲ καὶ ἀκαθαρσία πᾶσα ἢ πλεονεξία μηδὲ ὀνομαζέσθω ἐν ὑμῖν,
Pornéia e toda forma de impureza sexual ou avareza de maneira alguma sejam mencionados entre vós,
καθὼς πρέπει ἁγίοις, 4 καὶ αἰσχροῦτης καὶ μωρολογίας ἢ εὐτραπείας, ἃ οὐκ ἀνήκειν, ἀλλὰ como é apropriado a consagrados, nem obscenidade¹⁵ ou palavras tolas¹⁶, nem palavras sensuais¹⁷ [?] que não é próprio,
μᾶλλον εὐχαριστία. 5 τοῦτο γὰρ ἴστε γινώσκοντες, ὅτι πᾶς πόρνος ἢ ἀκάθαρτος ἢ mas muito melhor, aqões de graça. Isto pois continueis sabendo e conhecendo, todo *pornos*, ou impuro sexual, ou
πλεονέκτης, ὅ ἐστιν εἰδωλολάτρης, οὐκ ἔχει κληρονομίαν ἐν τῇ βασιλείᾳ τοῦ Χριστοῦ καὶ avarento, que é um idólatra, não tem herança/posse no Reino
[de Cristo e θεοῦ
de Deus]. (Ef 5,3-5)

Nesta lista, que provavelmente é mais tardia que a presente nas cartas às comunidades da Tessalônica e da Anatólia, a interdição deixa o âmbito das práticas sexuais *per se* e passa ao discurso do fiel. A estes ficam proibidas, pela ameaça da rejeição escatológica, as *falas obscenas* αἰσχροῦτης (seria possível que a tradição poética amorosa latina e grega fosse tomada por estes apocalipsistas como obscenidades?) e as *palavras sensuais* [εὐτραπείας]. Vale notar que a censura

¹⁵ Imoralidade, no seu sentido mais lato, como em αἰσχρός? Os dois termos aparecem bastante conexos às sociedades orientadas por códigos de honra e vergonha.

¹⁶ 1QS 10, 21-24.

¹⁷ Na literatura bíblica e parabíblica, sempre no sentido negativo. Embora ela também apareça no sentido positivo na literatura grega, com o significado de *wittiness*, espiritualidade, ou discurso espiritualoso.

escatológica da lista lembra muito a pastoral da *sexualidade casta* que vai se consolidar alguns séculos mais tarde, principalmente a partir dos escritos de Santo Agostinho.

Outro exemplo ainda mais ascético pode ser constatado no cristianismo pós-paulino. Do catálogo de vícios em Colossenses 3,5-9, metade é de ordem sexual, o que na sua diversidade em pontuar transgressões da sexualidade já aponta para os detalhados manuais dos confessores.

3:5 Νεκρώσατε οὖν τὰ μέλη τὰ ἐπὶ τῆς γῆς, πορνείαν ἀκαθαρσίαν πάθος
Apodrecei vós , pois, os membros sob influência terrena, pornografia, impureza sexual¹⁸, a
paixão
ἐπιθυμίαν κακὴν, καὶ τὴν πλεονεξίαν, ἣτις ἐστὶν εἰδωλολατρία, ὅτι δι' αὐτὴν ἔρχεται ἡ ὀργὴ
o desejo libidinoso mau, e a cobiça, que é idolatria, em razão dos quais
vem a ira
τοῦ θεοῦ [ἐπὶ τοὺς υἱοὺς τῆς ἀπειθείας]. 7 ἐν οἷς καὶ ὑμεῖς περιπατήσατέ ποτε, ὅτε
de Deus [sobre os filhos da desobediência]. Nos quais também vós andaram no
passado, quando
ἔζητε ἐν τούτοις· 8 νυνὶ δὲ ἀπόθεσθε καὶ ὑμεῖς τὰ πάντα, ὀργήν, θυμόν, κακίαν,
estáveis vivendo entre eles; agora pois livrai-vos de tudo isso: retribuição, raiva,
maldade,
βλασφημίαν, αἰσχρολογία ἐκ τοῦ στόματος ὑμῶν· 9 μὴ ψεύδεσθε εἰς ἀλλήλους,
blasfêmia, discurso obsceno que sai da boca vossa; Não mintais uns aos outros,
ἀπεκδυσάμενοι τὸν παλαιὸν ἄνθρωπον σὺν ταῖς πράξεσιν αὐτοῦ
despojando-vos do antigo homem e de suas práticas

A lista inicia a sua demarcação de limites recomendando a *necrose dos membros* (não teríamos na expressão μέλη o uso de expediente paliativo?), que é seguida de uma série de interdições sexuais: pornografia, impureza sexual, paixão e o desejo libidinoso, julgado como mau. A proibição de que o fiel tenha qualquer contato com a paixão lembra muito a catequese de Paulo na sua primeira correspondência aos cristãos de Corinto, onde se pede que o cristão não experimente o fogo que consome os apaixonados. Paulo usa a expressão πυροῦσθαι, *deixar ser inflamado*, para falar de uma sorte de amor proibido ao cristão. A expressão evoca uma imagem da poesia presente nos versos Sáficos, o amor erótico que incendia, fora de controle, o amante. O casamento é aludido como um mal menor do que viver uma vida de amor erótico inflamado.

Um último exemplo de catálogo de vícios pode ser tomado na história do desenvolvimento de listas cada vez mais detalhadas das práticas sexuais proibidas ao cristão. A *Epístola de Barnabé*, tratado anônimo de cunho alegórico escrito nos idos da segunda revolta dos judeus contra Roma (sob a liderança do revolucionário Bar Kochba) e da reconstrução do Templo de Jerusalém por Adriano (130-131 d.C.)¹⁹, traz uma interpretação alegórica das leis dietárias do Pentateuco à luz de uma lista de vícios sexuais. O alegorista interpreta a compreensão literal dos judeus das leis dietárias como cegueira e oferece um caminho mais “espiritual” para entender as prescrições legais.

Também “não comerás a lebre”. Por que razão? Isso quer dizer: não serás pederasta, nem imitarás aqueles que são assim. Porque a lebre, a cada ano, multiplica o seu ânus. Ela tem tantos orifícios quanto o número de seus anos. Também “não comerás a hiena”. Isso quer dizer: não serás nem adúltero, nem homossexual, e não te assemelharás àqueles que são assim. Por que razão? Porque esse animal muda de sexo todos os anos e torna-se ora macho, ora fêmea. Ele odiou também “a doninha”. Muito bem! Não serás como aqueles que cometem, como se diz, *iniquidades com a boca* por depravação, nem te ligarás a estes depravados que cometem iniquidade com sua boca. De fato, esse mal se concebe pela boca (Ep. Barnabé 10,6-8).²⁰

Essas coleções de catálogos de vícios apareceram bem cedo na literatura cristã primitiva, a notar a sua recorrência desde o cristianismo paulino, passando por Marcos (Mc 7), o cristianismo deuteropaulino e o Apocalipse de João (Ap 21,8; 22,15). Sua transversalidade na literatura cristã do primeiro século e inícios do segundo século lhe confere um lugar importante na formação da sexualidade cristã primitiva. É bem provável que listas como essas tenham engendrado uma moral sexual de interdição e negação dos prazeres e do próprio casamento/procriação, conforme se observa em Paulo — “não é bom que o homem toque intimamente [ἄπτεσθαι] em mulher” (1 Co 7,1) —, na comunidade lucana — “Os filhos deste éon casam-se e as suas moças são dadas em casamento, porém aqueles tidos por dignos de

¹⁸ ἀκαθαρσίαν acompanhada de pornéia (2 Co 12:21; Gl 5,19; Cl 3,5; Ef 5,3; “vileness esp. of sexual sins (Vett. Val. p. 2, 19; 1 Enoch 10,11; Aristides 15,6; Origines C.Cels.7,48,4).”

¹⁹ PADRES apostólicos. Trad. Ivo Storniolo e Euclides Balancin. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2002, pp. 278-280.

²⁰ Idem, p. 301.

experimentar aquele éon e a ressurreição dos mortos não se casam nem as suas moças são dadas em casamento...” (Lc 20,34-35) — e no encratismo mais desenvolvido do século II d.C., que estimulava o celibato como única forma pia de vida cristã — cf. a lendária narrativa dos *Atos de Paulo e Tecla*.

Uma estatística parcial das listas de vícios cristãs primitivas analisadas neste ensaio revela a sexualidade como um *topos* mais que comum. Sua centralidade nos catálogos, chegando por vezes a sobrepular os vícios morais (é o caso da lista em Efésios 5), aponta um novo *sitz im leben* para essas listas: é possível que essa forma literária tenha surgido com o principal objetivo de construção de uma ainda incipiente ascese sexual.

Estatística parcial das categorias de vícios nas listas cristãs primitivas:

Textos	Vícios Sexuais	Vícios Morais	Vícios ligados ao culto	Outros vícios	Total
Col 3,5-9	5	6	1	0	12
Gl 5,19-21	5 (<i>moichéia</i>)	8	1	2	16
1 Co 6,9-10	4	5	1	0	10
Ef 5, 3-5	7	2	1	0	10
Ep. Barnabé 10, 6-8	4	0	0	0	4

REFEÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998.

BERNOS, Marcel; LÉCRIVAIN, Philippe; RONCIÈRE, Charles de la; GUYNON, Jean. *O fruto proibido*. Lisboa: Edições 70, 1991.

CUATRECASAS, Alfonso. *Erotismo no império romano*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: A vontade de saber*. Vol. 1. 14 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

GAMMIE, John G. Spatial and ethical dualism in Jewish wisdom and apocalyptic literature. In: *Journal of Biblical Literature* 93.3, 1974.

PADRES apostólicos. Trad. Ivo Storniolo e Euclides Balancin. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2002, pp. 278-280.

SCHNEEMELCHER, Wilhelm (ed.). *New Testament Apocrypha: gospel and related writings*. Vol. 1. Revised Edition. Louisville: Westminster/John Knox Press, 1990.